

Capítulo 124: A Batalha por Ferraxis, Parte 3 - Vitória, guerra, WAAAGH! - Assim que Taylor desceu do palanque, a estrutura de madeira começou a tremer violentamente. Os degraus desmoronaram, revelando um caminhão gigantesco, todo feito de metal. No lugar onde antes ficava o palanque, surgiu uma banda de orks: uma bateria improvisada com sucata, um violão elétrico e um vocalista verde. Taylor ficou boquiaberto, tentando entender como não tinha percebido aquilo antes. Até que os motores rugiram. Os orks começaram a tocar uma música pesada, com o vocalista berrando: - Ohhhh! Aquele homem é nosso chefe, olhem só! - Ele é o nosso chefe! - O céu e a terra gritam nosso WAAAGH, Gork e Mork exigem vitória! - Ohhhh! Por que ele é nosso chefe? É a vontade dos Deuses Verdes! - Agora peguem suas armas, liguem os motores! - WAAAAAAGH! - WAAAAAAGH! Taylor tapou os ouvidos enquanto o caminhão avançava, seguido por dezenas de milhares de orks. O barulho era ensurdecedor, e Franstan, no meio daquela horda, parecia completamente à vontade. Ao mesmo tempo, tropas da Guarda Imperial e os Devoradores de Tubarões também avançavam. O caminhão de metal dos orks, impulsionado pelo WAAAGH, arremessou-se contra as defesas inimigas. As fortalezas disparavam canhões e lançavam chamas, mas nada conseguia deter os verdes. O poder que Taylor lhes concedera era como se os orks tivessem encontrado um santo vivo da raça deles. A força deles estava além do esperado. O caminhão colossal colidiu contra uma muralha de dezenas de metros de espessura — e, num clarão de energia térmica, tudo se dissolveu. Não apenas uma camada, mas três paredes de concreto e adamantium foram vaporizadas instantaneamente. O poder daquilo rivalizava com o lendário Canhão Vulcânico. Metal derretido escorreu pelo chão, solidificando-se como obsidiana. Jorros de lava voaram sobre as muralhas, como se um vulcão tivesse entrado em erupção. O caminhão de guerra dos orks evaporou na explosão, junto com a banda inteira. O mais absurdo? Nenhum dos músicos foi atingido antes do impacto. Eles continuaram tocando até o último segundo, mesmo com o veículo sendo dilacerado pelos disparos inimigos. Porque, na cabeça dos orks, a música nunca para. E aquela energia térmica jamais teria poder para derreter dez metros de metal puro... a menos que os orks acreditassem que podiam. Se eles acham que podem, então podem. --- Comparado a um campo de batalha infestado de demônios, aquilo não era nada. Taylor tentou se convencer disso enquanto observava os orks avançando pelo túnel derretido, agora uma caverna de metal deformado. Eles empunhavam escudos grosseiros e metralhavam qualquer inimigo escondido nas sombras. Quando um soldado com um chapéu da Águia Imperial caiu morto, Taylor sentiu um desconforto estranho. Pela primeira vez, ele se viu como o vilão da história. Aqueles soldados nem sabiam por que estavam lutando contra as forças do Império. Para eles, a Primeira Legião da Redenção de Scadi devia parecer um bando de aberrações, hereges e xenos, destruindo suas casas com canhões e orks. Mas o universo não era um teatro. Não havia vilões ou heróis definidos. Se fosse uma peça, no entanto, Taylor seria, sem dúvida, o invasor. Franstan atravessou o túnel escuro, onde o chão estava irregular por causa da lava resfriada. Os orks marchavam em formação, cantando aquela música vergonhosa sobre Taylor ser o "chefe". Suas vozes eram roucas, desafinadas e cheias de sotaque. Alguns soldados imperiais seguiam aquela tropa, e Taylor conseguia sentir seus olhares. Pareciam dizer: "Olhem só, ele está se queimando no próprio fogo." Ser o mascote dos orks era uma sensação horrível. Finalmente, o túnel acabou. Taylor nunca tinha percebido como dez metros podiam parecer uma eternidade. E então, a cidade surgiu diante dele. Vista de fora, era difícil acreditar que aquilo era um único edifício. Nenhum castelo da antiga Europa em Terra, nem mesmo as fortalezas de Monsalvado, se comparavam àquela estrutura. Torres imponentes se erguiam contra um horizonte sem fim, enquanto canhões e armas disparavam incessantemente na escuridão metálica. Era uma visão infernal. Na estrada vazia, veículos inimigos se aproximavam. A maioria eram adaptações brutais — caminhões de transporte de comida reforçados com chapas de metal, alguns com tecnologia do Mechanicus. Os mais avançados pareciam veículos militares modificados, mas a maioria era apenas transporte civil com blindagem improvisada. Isso acontecia por causa das restrições comerciais do Império. Armas e equipamentos pesados eram rigidamente controlados, e Ferraxis só tinha indústria leve. Ou seja, se a guerra durasse mais alguns anos, os rebeldes acabariam ficando sem munição — e o Império venceria por esgotamento. Era assim que o Império

sobrevivia, mesmo à beira da morte. Taylor ordenou que Franstan avançasse, seguindo os veículos dos orks. Mas os caminhões verdes já estavam arrasando tudo no caminho. Os rebeldes não tinham armamento pesado, então a explosão dos orks tinha sido decisiva. Taylor viu um caminhão blindado ser esmagado pelos veículos sujos dos orks e se perguntou por que a Guarda Imperial e os Devoradores de Tubarões eram necessários. Parecia que os "meninos verdes" resolveriam a rebelião sozinhos. Até que um som perturbador ecoou pela cidade. Uma música dissonante, que era ao mesmo tempo dolorosa e... estranhamente cativante. Taylor observava atentamente a rua deserta com desconfiança. Era um bairro residencial, cheio de casas idênticas, onde moravam famílias de soldados ou os próprios militares. Mas agora, só restavam escombros fumegantes e carcaças de veículos de combate. Os civis provavelmente já haviam sido evacuados, o que dava um toque de humanidade a essa operação sangrenta. Afinal, Taylor era um soldado profissional, não um carniceiro. Ele pegou seus binóculos e examinou cada detalhe da área. Assomou-se do alto do Frankstein, ordenando que os veículos pesados dos orks e as unidades da Guarda Imperial — incluindo os Chimera e os Astartes dos Devoradores — parassem. O líder ork dos Goffs, empoleirado numa enorme máquina de guerra, perguntou com entusiasmo: — Chefe, por que a gente parou? Taylor desconfiava que os orks enxergavam o mundo de um jeito completamente diferente. Para ele, aqueles escombros eram um campo de batalha sombrio, mas, para o ork, parecia um parque de diversões — os veículos destruídos eram barraquinhas de algodão-doce, e os soldados inimigos, crianças com pistolas de água. — Tem alguma coisa errada aqui — disse Taylor, em alerta. Nesse momento, um dos Devoradores que os acompanhava ergueu sua arma. Diferente dos outros, ele não tinha veículo e dependia apenas de suas próprias pernas. Taylor sentiu um misto de admiração e pena. Era a primeira vez que via um Capítulo de Astartes mais pobre que seu próprio regimento de infantaria. O Astartes falou, sua voz grave ecoando: — Sinto algo se aproximando. Taylor não perdeu tempo: — Goffs, mandem seus piolhos explodirem esses prédios. Era uma ordem brutal e desperdiçadora de recursos, mas também eficiente. Afinal, os mercadores errantes bancavam os explosivos, então o custo era zero. Se dinheiro podia poupar vidas, Taylor usaria sem hesitar. Ele sempre odiou combates urbanos — eram carnificinas lentas e desgastantes. Vários gretchin, tremendo de medo, avançaram carregando bombas. Era uma cena quase cômica, se não fosse trágica. Eles resmungavam em sua língua gutural, xingando seu chefe e, para surpresa de Taylor, até ele mesmo. O coronel entendia um pouco do idioma ork — na verdade, sabia mais orkês do que alto-gótico, o que só aumentava sua irritação. Conteve o impulso de atirar naqueles pestinhas malcriados. Afinal, em segundos, eles e suas bombas seriam apenas poeira. Mas antes que os gretchin explodissem, um som horrendo cortou o ar: — Pelo Imperador! Hehehe... Pelo Imperador! Era o grito de guerra mais perturbador que Taylor já ouvira. Como descrevê-lo? Arranhões de unha em um quadro-negro. Uma voz estridente, distorcida, que falava em nome do Imperador, mas sem nenhuma devoção real. Então surgiram eles: guerreiros em armaduras púrpura, armados com bolters, fusores térmicos e dispositivos sonoros grotescos. Os gretchin tiveram suas cabeças explodidas — não por tiros, mas por algum tipo de magia sônica. Astartes? Taylor estudou os inimigos. Suas armaduras ostentavam a águia imperial, mas também símbolos Caos — mutações, protuberanças grotescas, inscrições blasfemas. Eles carregavam não apenas bolters, mas também armas sônicas letais. Alguns os chamavam de "Guerreiros do Ruído". Outros lembravam seu antigo nome: Os Filhos do Imperador. A Legião de Fulgrim. Mas a maioria só conhecia um termo para eles: Traidores. Capítulo 125: Os Filhos do Imperador (Parte 1) Que absurdo. Primeiro os Death Guard, depois os World Eaters... e agora os Emperor's Children? Parecia uma convenção de legiões traidoras! Taylor resmungou mentalmente, mas não ficou surpreso. Cadia era um ponto estratégico, e se Abaddon realmente planejava uma Cruzada Negra, esse planeta seria crucial. Mais uma vez, ele amaldiçoou seu azar de sempre acabar em missões infernais. O líder ork dos Goffs, alheio à tensão, gritou animado: — Latas podres! Latas podres! Em três sistemas, nunca vi tanta! E com o chefe, em três dias, já apareceu um monte! A provocação do ork foi como esfregar sal na ferida. Taylor sentiu uma pontada na cabeça — talvez efeito colateral dos estimulantes. Irritado, ele agarrou a mandíbula do ork e rosnou: — Cale a boca! O Goff encolheu-se como um gretchin diante de um chefe com

fome. — Eu... eu entendi... — balbuciou, subitamente submisso.

<http://portnovel.com/book/29/4909>